

“A COBRA VAI FUMAR”: A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

“A COBRA VAI FUMAR”: THE BRAZILIAN
PARTICIPATION IN THE SECOND WORLD WAR

Artur Faleiro Naiditch¹

RESUMO

Este artigo tem como finalidade compreender a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, a partir da atuação da Força Expedicionária Brasileira. Deste modo, trata-se de avaliar como esse envolvimento na guerra afetou a posição brasileira no Sistema Internacional e a sua própria sociedade, principalmente nas áreas econômica e política. Para alcançar esse intento, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros e artigos. Constatou-se, através das pesquisas realizadas, que a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial modificou totalmente a política interna e a externa brasileira, com o fim do Estado Novo e o início da projeção internacional do Brasil, principalmente na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra Mundial; FEB; Política Externa Brasileira.

ABSTRACT

This article aims to understand the Brazilian participation in the Second World War, concerning the performance of the Brazilian Expeditionary Force. Thereby, it intends to assess such involvement in the war affected the Brazilian position in the International System and in its own society, especially in the Economic and Political areas. In order to achieve this purpose, literature searches were performed in books and articles. It was found, through the conducted research, that the Brazilian participation in the Second World War completely changed the Brazilian's domestic and foreign policy, ending the “Estado Novo” as well as starting the international projection of Brazil, mainly in the Latin America.

KEYWORDS: Second World War; BEF; Brazilian Foreign Policy.

¹ Estudante de graduação em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
Email: carolinechagasdeassis@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial, iniciada em setembro de 1939, foi a maior catástrofe provocada pelo homem em toda a sua longa história. Envolveu setenta e duas nações, dentre elas o Brasil, e foi travada em todos os continentes, de forma direta ou indireta, podendo, assim, ser considerada a experiência histórica mais próxima de um conflito militar total e global. Essa participação brasileira mudou o desenrolar da batalha na Itália, além de afetar, também, internamente o Brasil, que teve de adaptar suas políticas interna e externa, assim como os seus parceiros econômicos. Desta forma, o artigo busca compreender de que forma o Brasil, com a sua participação direta, afetou o curso da guerra e como ela afetou a sociedade brasileira, mudando suas políticas econômicas e suas políticas interna e externa.

Para tanto, entender a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial é fundamental, pois não é algo muito conhecido entre os brasileiros, mesmo tendo sido importante para a consolidação do país. O envolvimento brasileiro na guerra ajudou fortemente na ampliação do poder do Brasil no sistema internacional, na economia brasileira, com o desenvolvimento da indústria através da construção da primeira siderúrgica no país, e nas mudanças políticas ocorridas no pós-guerra. Isso resultou em diversas novas oportunidades econômicas e políticas para o Brasil.

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ocorreu em 1942, após atos de guerra da marinha alemã, que bombardeava navios cargueiros brasileiros, justificando tais ações como retaliação ao Brasil pelo corte das relações diplomáticas. A princípio, porém, a posição brasileira foi de neutralidade e de negociações econômicas com os Estados Unidos e com a Alemanha. Porém, depois de frequentes ataques a navios brasileiros por parte da marinha alemã, Getúlio Vargas, então Presidente da República brasileira, decidiu entrar em acordo com o presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, para a participação do país na guerra, o que resultou no envio de militares brasileiros à Itália, em julho de 1944.

O Brasil foi importante para a libertação da Itália, que, na época, ainda estava parcialmente nas mãos do exército alemão. A atuação brasileira foi importante principalmente na batalha de Monte Castello, em que houve muitas baixas entre os brasileiros. Outro pon-

to foi a cessão de bases navais e aéreas no território do Nordeste brasileiro. Além disso, a guerra também teve uma grande importância para a economia e para as políticas interna e externa brasileira no pós e no pré-guerra, além de consolidar a influência brasileira na América Latina.

Por conseguinte, para compreender a participação do Brasil na Segunda Guerra e os reflexos que isso trouxe à sociedade brasileira, o artigo foi dividido em três partes. Na primeira parte, enfoca-se o período pré-guerra, em que analisar-se-á a “luta” entre Alemanha e Estados Unidos pelo apoio brasileiro através de disputas comerciais e políticas. Na segunda parte, é demonstrada a efetiva participação brasileira na guerra, com a preparação e o envio de tropas e as batalhas em que houve participação do Brasil. Por fim, aborda-se o período pós-guerra, em que se procura analisar a sociedade brasileira depois da guerra e a participação do Brasil em organizações internacionais.

A “LUTA” PELA ALIANÇA BRASILEIRA NO PRÉ-SEGUNDA GUERRA

A década de 1930 demarcou para a sociedade da época a falência dos ideais liberais, representados então pela crise de 1929 e pela Grande Depressão. Essa crise, a maior até hoje no modo capitalista de produção, causada na maior potência da época, os Estados Unidos, afetou rapidamente o mundo inteiro deixando milhões de pessoas desempregas e atestando a falência da utopia liberal e da sua forma de gerir a política interna e externa de um país. O resultado da Grande Depressão na área política foi a ascensão de Estados mais intervencionistas com ideais ultranacionalistas, como foi o caso do Japão e da Alemanha, em 1931 e 1933, podendo-se afirmar que o nazismo alemão é fruto da Grande Depressão (HOBSBAWM, 1995).

A Alemanha nazista chegou ao poder tentando provar de todas as maneiras que as ideias liberais estavam ultrapassadas e que uma grande potência deveria ser autárquica, ou seja, autossuficiente. Para essa ideia funcionar, Hitler teria de transformar a Alemanha em uma potência mundial, com uma zona de influência definida na Europa, chamada de espaço vital alemão, de modo a garantir a autonomia do Estado em recursos naturais e a sua independência econômica, resultando, assim, em uma medida a ser adotada em longo

prazo. No curto prazo, contudo, o país precisava de um mercado internacional para vender seus produtos manufaturados e, principalmente, comprar matérias-primas, necessitando, assim, de parceiros comerciais para garantir o acesso às suas necessidades de matérias-primas e a execução dos planos em longo prazo. Com os apertos da França e do Reino Unido sobre as suas colônias e protetorados e a crise econômica em que a Alemanha se encontrava, dificultava para os alemães conseguirem suprir suas necessidades. Dessa forma, foi criado o marco de compensação, que seria uma moeda de troca, baseada na ideia de produtos por produtos, os quais teriam valores semelhantes. Isso significava também que o país teria de buscar novos parceiros na Europa Oriental, Balcãs e América do Sul, onde o Brasil destacar-se-ia como principal parceiro até a guerra (ALVES, 2002).

Os Estados Unidos, por sua vez, principal afetado da grave crise econômica mundial da década de 1930, continuou com a sua política econômica protecionista, tendo como principal mercado consumidor, o próprio país. As ideias políticas dos norte-americanos no Brasil eram a o longo prazo, devido à grande complexidade dos ideais. Essas ideias eram de fazer o Brasil aderir aos princípios liberais no comércio internacional, devido à influência brasileira na América Latina e de constituir uma aliança, que vinham de um velho interesse norte-americano em criar uma zona de influência nas Américas (ALVES, 2002).

O Brasil, porém, encontrava-se em um regime autoritário comandado por Getúlio Vargas, que tinha como principais interesses implementar no governo três ideais: a centralização do poder do Estado, o nacionalismo e o anticomunismo. Tendo como intenção tirar o Brasil da mão dos pecuaristas e cafeicultores, Vargas instituiu, no ano de 1937, o Estado Novo (1937-1945), que tinha como plano principal, firmar-se como uma potência regional na América Latina através da modernização da indústria, de obras públicas e de reformas constitucionais e nas leis trabalhistas. Para Vargas, o objetivo principal do Brasil deveria ser o de atingir uma maior autonomia industrial, pois o país se encontrava dependente do mercado internacional para suprir as suas necessidades de fontes energéticas, bens de capital e de consumo para, assim, também conseguir colocar efetivamente em prática a sua ideia de modernizar o exército (BARONE, 2013).

Na área política, o Brasil se aproximava, cada vez mais, dos Estados Unidos, pois as declarações do governo brasileiro defendendo o pan-americanismo e o livre-comércio, além das posições país nas Conferências Pan-americanas, davam aos brasileiros uma maior influência no Sistema Internacional sobre a América Latina. Na área econômica, porém, o governo brasileiro optava por estreitar as relações econômicas com os dois lados, Estados Unidos e Alemanha, tendo como interesse a não dependência de apenas um parceiro comercial e deixando de lado os privilégios políticos para as negociações das suas matérias-primas. Com isso, em meados de 1938, no pré-guerra, fora da Europa, o Brasil era o parceiro comercial mais importante da Alemanha, fazendo assim com que os EUA se incomodassem com a situação. Contudo, essas relações germano-brasileiras eram extremamente benéficas aos brasileiros, pois, através das trocas comerciais, o governo conseguia adquirir os produtos que mais lhe interessavam, os quais eram os armamentos e a proposta de construção de duas siderúrgicas pelos alemães. Vendo essa forte aproximação comercial e a tentativa alemã de se aproximar politicamente do Brasil, o governo norte-americano propõe novos acordos bilaterais de comércio e o comprometimento na construção de uma siderúrgica brasileira, ganhando, assim, a confiança do governo brasileiro (ALVES, 2002).

Com o início da Segunda Guerra por parte dos alemães, ficou evidente o alinhamento brasileiro com os norte-americanos. Deste modo, em meados de julho de 1941, o governo brasileiro libera a utilização de suas bases navais e aéreas no Nordeste pelo exército norte-americano. Vargas, porém, ciente das necessidades brasileiras em materiais bélicos e do desenvolvimento da sua indústria, condiciona a cessão das bases para os Estados Unidos ao suprimento das suas necessidades. Assim, os Estados Unidos convocaram a Reunião dos Chanceleres do Rio de Janeiro, a qual tinha o intuito de fazer com que as repúblicas americanas rompessem relações diplomáticas e comerciais com o Eixo². Desta forma, sabendo das suas necessidades militares e industriais e não estando preparado para as consequências dos rompimentos, o governo de Vargas deixa para o último minuto o anúncio (MASPLÉ, 1989).

Deste modo, vendo as necessidades dos dois países, Brasil e Estados Unidos realizam a assinatura dos Acordos de Washington, os quais tinha como premissa o envio de matérias-primas brasileiras para os EUA

e a abertura militar do Nordeste para os Aliados³; em contrapartida os norte-americanos se comprometiam a investir em uma siderúrgica para o Brasil e a enviar 200 milhões de dólares em armamentos ao exército brasileiro. Essas negociações representaram a importância estratégica do Brasil para a Segunda Guerra (BARONE, 2013).

O rompimento brasileiro com o Eixo resultou nas consequências previstas por Vargas na Reunião dos Chanceleres do Rio de Janeiro. Assim sendo, com o rompimento das relações, o Eixo retaliou o Brasil com ataques aos seus navios mercantes. Em janeiro de 1942, a Marinha Alemã começou as ações no Atlântico Sul afundando dois importantes navios da frota brasileira. Após afundarem 21 navios brasileiros, resultando na morte de mais de 742 pessoas, o Brasil, no dia 22 de agosto de 1942, declarava oficialmente guerra ao Eixo e, assim, entrava de vez na Segunda Guerra Mundial. No discurso oficial de declaração de guerra, realizado no Palácio do Itamaraty, o chanceler Oswaldo Aranha respondia aos anseios do povo por retaliação, quando exclamou:

A situação criada pela Alemanha, praticando atos de beligerância, bárbaros e desumanos contra a nossa navegação pacífica e costeira, impõe uma reação à altura dos processos e métodos por eles empregados contra oficiais, soldados, mulheres, crianças e navios do Brasil. Posso assegurar aos brasileiros que me ouvem, como a todos os brasileiros, que, compelidos pela brutalidade da agressão, oporemos uma reação que há de servir de exemplo para os povos agressores e bárbaros, que violentam a civilização e a vida dos povos pacíficos. (OSWALDO ARANHA, In: BARONE, 2013, p: 24).

Desta forma, a oficialização da guerra contra o Eixo fica clara devido à pressão e ao alinhamento político, econômico e comercial com os Estados Unidos. Além disso, constata-se a grande insistência de Vargas na reestruturação do exército e na sua participação no conflito, que aconteceria em julho de 1944, devido à ajuda norte-americano no fornecimento de materiais necessários para a guerra.

“A COBRA VAI FUMAR”: ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Apesar de o Brasil ter oficialmente declarado guerra ao Eixo em 1942, suas primeiras tropas só chegariam a solo europeu em julho de 1944, quase no fim da guerra. Após quase dois anos de formação e preparação, juntamente com as tropas Aliadas, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) desembarcou, em Nápoles, com 5.800 homens e com imprevistos. Apesar disso, o Brasil se envolveu em diversas operações na Itália, tendo como principal a Monte Castello e Montese.

A criação e a preparação da FEB foram extremamente difíceis para o Brasil, devido à forte pressão dos Aliados, principalmente da Grã-Bretanha, que via como desnecessário o uso de tropas brasileiras na Europa e a falta de contingente, juntamente com a falta de todo tipo de material necessário para a guerra (MOURA, 2012). Apesar disso, a grande necessidade do governo norte-americano em cumprir suas promessas fez com que houvesse a aceitação da FEB por parte dos Aliados e com que o exército americano treinasse e equipasse os brasileiros. Desta forma, ficou definida a participação brasileira juntamente com o exército norte-americano, o qual, por sua vez, contava com uma divisão formada por cerca de 25 mil homens. Vendo toda a dificuldade na criação e na preparação, surgiu um pessimismo entre a população brasileira, resultando em frases usando o lema da FEB: “É mais fácil a cobra fumar do que o Brasil mandar soldados para a guerra” (BARONE, 2013).

O desembarque brasileiro na Itália finalmente ocorreu, em Nápoles, em 16 de julho de 1944, com cerca de 5.800 homens. A chegada brasileira foi um tanto tumultuada devido à desorganização logística da FEB no que dizia respeito aos materiais dos pracinhas⁴, que ficaram desprovidos de alojamentos, alimentação, equipamentos bélicos e uniformes próprios para o clima. Após a solução dos problemas logísticos, a FEB passou por um período de um mês de treinamento em bases Aliadas, sendo incorporado posteriormente ao IV Corpo de Exército Aliado, comandado pelo general norte-americano Mark Clark, do V Exército Americano, que tinha como principal objetivo atingir o norte

² O Eixo era a coalisão da Alemanha, do Japão e da Itália na Segunda Guerra Mundial

³ Os Aliados eram a coalisão dos Estados Unidos, da União Soviética, da Grã-Bretanha e da França.

da Itália para então juntar-se à ofensiva da Frente Ocidental (BARONE, 2013).

A primeira unidade brasileira a entrar em ação foi a 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia, estendendo uma ponte sobre o rio Arno, no dia 15 de setembro. Após essa ação inicial, as tropas da FEB entraram de vez na guerra, pois, no dia 18 de setembro, a tomada de Camaiore foi a primeira conquista da FEB na guerra, através de um ataque bem coordenado pelo comando da Força que conseguiu desalojar os alemães da localidade, empurrando-os para trás das frentes inimigas. Na sequência, contudo, a tentativa de conquistar mais territórios próximos fez com que houvesse o primeiro revés de batalha da FEB, na localidade de Castelnuovo di Garfagnana, resultando na morte de 30 membros da tropa e em mais de 100 feridos (BARONE, 2013).

Com o excelente resultado da FEB e com a chegada de mais homens com o 3º e o 4º escalões, os brasileiros foram enviados a um novo setor de ação na Itália, perto de Bolonha, considerado o objetivo principal dos Aliados. Desta forma, no dia 24 de novembro, a Task Force 45, um grupo misto de combatentes brasileiros e norte-americanos, realizou o primeiro ataque ao Monte Castello, tendo conseguido chegar ao cume, mas, logo sofreu o contra-ataque que os expulsou. No último semestre de 1944, foram realizados quatro ataques frustrados, porém, em 21 de fevereiro de 1945, entrou em ação o Plano Encore, que finalmente conquistou o Monte Castello. Esse plano consistia em uma maior autonomia nos ataques da FEB, que usou suas divisões para atacar monte acima uma linha de defesa alemã com 20 ninhos de metralhadoras e morteiros, causando muitas baixas entre os brasileiros e o reconhecimento dos oficiais inimigos que alegaram: “depois do soldado alemão, que incontestavelmente é o melhor do mundo, os brasileiros e russos são os melhores que já vi” (EMÍLIO VAROLLI, In: BARONE, 2013, p: 190).

Em decorrência da tomada de Monte Castello, a ameaça alemã diminuía, pois os inimigos batiam em retirada sem forças para contra-atacar, desta forma, os brasileiros, na sequência, conquistaram La Serra, Monte della Vedetta, Castelnuovo e o Soprassasso. Com isso, as forças Aliadas viam os brasileiros de um modo diferente no campo de batalha, confrindo-lhes, assim, missões mais importantes. Assim, os brasileiros participaram da

Ofensiva da Primavera, que começou no dia 14 de abril de 1945, na Operação Craftsman. Nessa operação, houve talvez uma das mais importantes batalhas dos brasileiros na Itália, a tomada de Montese (BRAYNER, 1968). A tomada de Montese demonstrou o ápice operacional das tropas e representou o amadurecimento definitivo da FEB, pois as decisões do General Mascarenhas, de fazer as tropas terem um papel “secundário” e de progredirem pelo setor mais difícil, resultaram na surpresa pelos alemães e na tomada do monte pelos brasileiros, fazendo com que os inimigos recuassem mais, após dois dias de batalha (BARONE, 2013).

Com a retirada dos alemães, os Aliados continuaram a sua missão na Itália, buscando e encurralando os inimigos. Deu-se, assim, a última participação da FEB, quando um esquadrão da Força localizou os inimigos e as divisões terrestres os encurralaram na cidade de Fornovo. Isso, porém, não evitou que os alemães parassem de tentar romper as linhas de bloqueio. Desta forma, para não haver mais batalhas, o coronel brasileiro pede a rendição da divisão alemã, estipulando um prazo de dois dias para a resposta. Depois de algumas tentativas frustradas e de algumas mortes, houve a rendição, ocorrida no dia 28 de abril de 1945, antes do fim da guerra na Itália, no dia 2 de maio, e da guerra na Europa, esta última terminada em 8 de maio. Essa rendição dos alemães aos brasileiros foi vista com muita surpresa pelo Alto-Comando Aliado, pois nunca se havia pensado na possibilidade dos experientes alemães se renderem aos novatos brasileiros, além de ter sido a primeira rendição na Itália, antes da morte de Hitler e do armistício no teatro de operações italiano (BARONE, 2013).

Outro importante grupo brasileiro na Guerra foi o “Senta a Pua!”, o 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira (FAB), criado especialmente para a Segunda Guerra. A participação desse grupo foi essencial para a tomada de pontos estratégicos e em batalhas da FEB na Itália, como o cerco em Fornovo e as tomadas de Montese e de Monte Castello, além da ajuda na consolidação da região da planície do rio Pó. Esse reconhecimento do Grupo não foi somente brasileiro, pois, em 22 de abril de 1986, ele recebeu, enfim, a *Presidential Unit Citation*, medalha norte-americana. O grupo foi a terceira unidade não americana a ser condecorada com essa medalha durante a Segunda Guerra Mundial (BARONE, 2013).

⁴ Termo referente aos soldados brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

O FIM DA GUERRA E O INÍCIO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

O fim da Segunda Guerra Mundial resultou em uma mudança completa do sistema internacional, com a consolidação de duas grandes potências, Estados Unidos e União Soviética, que marcou o início do período conhecido na história mundial como Guerra Fria, na qual havia a disputa entre o capitalismo (EUA) e o socialismo (URSS). No Brasil, não foi diferente, pois o fim da guerra trouxe diversas mudanças internas e externas, que marcaram a vida da sociedade brasileira e trouxeram uma nova posição para o Brasil no sistema internacional (MOURA, 2012).

Internamente, o Brasil se encontrava em uma situação tensa, pois o país, que havia entrado em uma guerra contra o autoritarismo nazifascista, era ele próprio autoritário. Desta forma, o governo sentia pressões populares pela volta da democracia. Entre os muitos grupos de pressão, o maior naquele momento foi o Manifesto dos Mineiros⁵, o qual, em outubro de 1943, em Minas Gerais, escreveu uma “carta” pedindo o fim da ditadura do Estado Novo, além da volta imediata da democracia. Para frear as pressões populares e políticas, o governo baixou a Lei Constitucional nº 9, que previa a realização de eleições, que mais tarde seriam marcadas 1946. No dia 29 de outubro de 1945, ao mesmo tempo em que a Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB) voltavam ao Brasil, Getúlio Vargas é deposto pelo Alto-Comando do Exército – os mesmos militares que o apoiaram no início do Estado Novo. Desta forma, o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, assumiu provisoriamente o comando do governo brasileiro. Getúlio, que declarou publicamente entender a deposição, posicionou-se estrategicamente a favor da candidatura de seu ex-ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, eleito presidente em 1946 (BARONE, 2013).

Economicamente, o Brasil passou de um país unicamente de base econômica agroexportadora para um país em industrialização, devido à grande insistência de Getúlio Vargas em abrir uma siderúrgica nacional, além de seus planos militaristas. Um dos saldos muito positivos para o Brasil foi a abertura da siderúrgica nacional, que acarretou o desenvolvimento de indústrias

com base nos minérios como aço e ferro, e no cimento. Apesar desse aumento industrial, o país continuou com a sua base econômica voltada para produtos da base primária, ou seja, agricultura, pecuária e recursos minerais (ALVES, 2002).

Externamente, o Brasil, com o advento do fim da Segunda Guerra Mundial, ganhou uma maior projeção internacional e relevância político-econômica. Nos momentos posteriores ao fim da guerra, ficou claro o peso que os brasileiros tiveram para a libertação da Itália e a ajuda no combate ao nazifascismo alemão na Europa, pois circularam rumores de que as tropas brasileiras na Itália seriam enviadas para o *front* do Pacífico, onde a guerra contra o Japão continuava. Outra possibilidade, talvez mais relevante para a política externa brasileira, seria a de que uma parte do contingente da FEB seria incluída nas tropas de ocupação da Áustria, que seria um meio de colocar o Brasil em uma boa perspectiva na nova ordem mundial. Contudo, o Alto-Comando da Força não aceitou a missão devido ao entendimento de que o custo e o tempo de permanência na Europa já tinham sido muito alto. Além disso, percebe-se uma ideia de Brasil como potência regional na América do Sul, devido ao fato de o país ser o único da região a enviar tropas para a Segunda Guerra (BARONE, 2013).

A partir da ascensão do Brasil como potência regional, a busca brasileira em exercer um papel de destaque no contexto da formação da Organização das Nações Unidas (ONU), após a Segunda Guerra, que teve como intuito a manutenção da paz mundial e a resolução de conflitos interestatais, o país adota um papel de moderador ao longo das ações da organização. Um dos momentos marcantes da participação brasileira na ONU foi durante a votação que determinou a criação do Estado de Israel, em maio de 1948, cujo voto determinante foi dado por Oswaldo Aranha, chefe da delegação do Brasil na ONU. Outro momento foi o envio de tropas brasileiras para as Forças de Paz na resolução do conflito entre Israel e Egito, em Gaza, em 1950. Com o passar do tempo, houve a tentativa brasileira de buscar um papel mais proeminente no espaço da organização, através de um assento permanente do Conselho de Segurança, que acabou não se efetivando (BARONE, 2013).

⁵ Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) > Manifesto dos Mineiros, Fundação Getúlio Vargas.
Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/ManifestoDosMineiros>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito global existente até hoje, envolvendo diversos países, entre eles o Brasil. O envolvimento brasileiro direto na Guerra foi muito curto, aproximadamente um ano, porém as causas da guerra e desse curto envolvimento foram sentidos no pré e pós-guerra.

Existem muitas abordagens sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Há aqueles que acreditam que o envolvimento foi tudo o que o Brasil poderia querer da guerra. Pela outra ótica, no entanto, essa participação foi desnecessária, pois acredita-se que o país supriria as suas necessidades em negociações, além de poupar 475 vidas, se não entrasse na guerra. Desta forma, Buscamos, portanto, entender o que mudou com o envolvimento na guerra e se essas mudanças foram boas para o Brasil.

Foi possível constatar que o Brasil mudou drasticamente devido à sua participação na guerra. Internamente, o Brasil sofreu drásticas mudanças devido à guerra, pois o país, antes e durante a Segunda Guerra, era comandado por um Estado ditatorial com Getúlio Vargas no poder, contudo, posteriormente ao conflito, o Brasil se tornou novamente uma República Democrática tendo as suas eleições em 1946. Desta forma, percebe-se que a população entendeu que era irracional Vargas lutar contra o nazismo, já que os dois países eram autoritários. Isso fez com que, em decorrência do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o povo se rebelasse pela democracia.

Externamente, o país passou de um Estado sem nenhuma relevância no sistema internacional, com suas relações voltadas unicamente para o bilateralismo político com os Estados Unidos, para um país com maior projeção de poder político e econômico na América Latina e uma boa participação em organizações internacionais, deixando um pouco de lado as relações Brasil-EUA. Pode-se afirmar que a participação na Segunda Guerra e os bons resultados obtidos militarmente pelo Brasil deram a ele uma relevância maior no sistema internacional e abriram a política externa do país para um multilateralismo.

Para a sociedade brasileira a maior mudança, além da política, foi a econômica que, no período anterior ao conflito, era basicamente de exportação de matérias-primas para as grandes potências, Alemanha e Estados Unidos. Já a participação do Brasil na Guerra trouxe a

construção da siderúrgica nacional, promovendo a industrialização do país nos setores básicos da indústria. Porém, o advento da industrialização não descartou a importância principal da exportação de produtos primários. Desta forma, constata-se que houve um grande desenvolvimento da sociedade brasileira com o advento da Segunda Guerra Mundial, não somente econômico, mas político também.

Por conseguinte, o envolvimento na Segunda Guerra foi de suma importância para o desenvolvimento do Brasil e da sua relevância no cenário internacional em uma tentativa de se tornar, talvez, no futuro uma potência mundial. Apesar disso, permanece a dúvida de como seria o Brasil, com as suas políticas interna e externa, se o país não tivesse participado ativamente do conflito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: História de um Envolvimento Forçado**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

BARONE, João, 1962. **1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BRAYNER, Floriano de Lima. “**A verdade sobre a FEB: memórias de um chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália, 1943-1945**”. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) > Manifesto dos Mineiros**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/Manifesto-DosMineiros>.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P.95

MESPLÉ, Antônio de Moraes. **A Política Externa Brasileira numa era de Conflito pela Hegemonia Mundial**. In: Cadernos do IPRI, n.2, 1989.

MOURA, Gerson; PINHEIRO, Letícia; BETHELL, Leslie. **Relações exteriores do Brasil: 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Brasília: FUNAG, 2012.